A Liahona 34/11 NOVEMBRO 1981

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

CONSELHO DOS DOZE:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

COMITÊ DE SUPERVISÃO:
M. Russell Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzio Busche

EXECUTIVO DO «INTERNATIONAL MAGAZINE»:
M. Russell Ballard
Editor:
Larry A. Hiller
Editor Gerente;
David Mitchel.
Editor Associado;
Bonnie Saunders
Seção Infantil;
Roger Gylling,
desenhista;

EXECUTIVO DE A LIAHONA:
Gelson Pizzirani,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;
Victor Hugo da Costa Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção

A Liahona

NOVEMBRO DE 1981
PBMA 0631PO
SÃO PAULO — BRASIL

Histórias e Destaques

1 **Princípios da Salvação Temporal,** Presidente Marion G. Romney
8 **Edificação no Casamento,** Val R. Christensen
14 **Irmão Cuenca e sua Fé,** Fred. R. Gladen Jr.
16 **"Diga-lhe Que Eu a Mandei",** Kathleen Scott
17 **Construir Capelas Para os Santos,** Ronald C. Barker
19 **O Sacrifício Faz Crescer e Desenvolver-se,** Carma T. e Roy A. Prete
22 **As Aventuras de Um Marinheiro Britânico,** William G. Hartley
29 **Mirian,** Layne T. Derrick
31 **A Viagem de Ônibus,** Orvid Zollinger
34 **O Raiar do Dia,** Élder Loren C. Dunn

SEÇÃO INFANTIL

I **O Homem do Guarda-Chuva,** Frances Altman
III **A Despensa Subterrânea,** Iris Syndergaard
VII **Joseph F. Smith,** Howard Boughner
VIII **Você Conhece o Livro de Mórmon?,** Ruth Christensen

PARTE NACIONAL

I Criada a Estaca de São Vicente
II Casal Antunes Vai Para o Campo Missionário
III Mr. Zion Trouxe 400 Conversos á Igreja e Continua Com Grande Entusiasmo
V Os Três Elderes Ferreira
VI Na Semana da Independência um Espetáculo Inesquecivel
VIII Desenvolvendo Arte e Dons
IX A União faz a Força
X Curso Preliminar de Escotismo
XI Em Memória de um Irmão!
XII Quando o Senhor Parece não Ouvir
XIII Um Exemplo a ser Seguido
XIV Aconteceu no Centro de Treinamento Missionário / Um Batismo Marcante
XV Bem-Estar Armazenamento Doméstico

Ilustrações da capa:
Projetos arquitetônicos dos novos templos SUD: Alto, a partir da esquerda, mostra os projetos dos templos da Alemanha Ocidental e Chile; seguem os de Tonga e Samoa Ocidental; Coréia, Suécia e África do Sul; Filipinas e Taiti; a ilustração maior mostra o projeto para o Peru e Guatemala.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o nº 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal* 26023, *São Paulo, SP.* Preço da assinatura anual para o Brasil: *Cr$ 100,00* para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: *Cr$ 10,00.* As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, tambem em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta e impressa por Bandeirante S.A. Gráfica Editora, Rua Joaquim Nabuco, 351 - Fone 4523444 - São Bernardo do Campo - S.P. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

Princípios de Salvação Temporal

Presidente Marion G. Romney
Segundo conselheiro na Primeira Presidência

Enfrentamos hoje em dia uma série de graves problemas econômicos e sociais. Porém, enfrentar períodos de tensões econômicas e até mesmo de privação, não é novidade para nós, como Igreja. No transcorrer de sua história, os santos tiveram de passar mais de uma vez por grandes provações. Por isso, desde os primórdios da Igreja, o Senhor fez seus líderes perceberem claramente certos princípios corretos. Sentimo-nos compelidos a reafirmar esses princípios básicos de salvação temporal.

No princípio do século, o Presidente Joseph F. Smith explicou a importância da salvação temporal e seu relacionamento com a salvação espiritual:

"Vocês devem continuar tendo em mente que as coisas temporais e espirituais estão ligadas. Uma não pode ser desenvolvida sem a outra, enquanto estivermos aqui na mortalidade...

"Os santos dos últimos dias não acreditam apenas no evangelho da salvação espiritual, mas também no evangelho da salvação temporal. Temos que cuidar do gado, ... dos jardins e das fazendas... e outras coisas necessárias para nossa manutenção e de nossas famílias aqui na terra... Achamos que os homens não podem ser realmente bons e fiéis, a menos que também sejam um povo bom, fiel, honesto e industrioso.

"E por isso *pregamos o evangelho da indústria, o evangelho da economia, o evangelho da sobriedade.*"(*Doutrina do Evangelho,* cap. X, p. 187; grifo nosso.)

Os princípios mais fundamentais da salvação temporal incluem dois conceitos básicos: sustentar-se a si próprio — *independência* — e prover a subsistência de sua família — *dependência familiar.* O primeiro, o da independência, é produto de uma doutrina fundamental da Igreja — o livre arbítrio. Esta doutrina baseia-se na verdade de que a essência fundamental do homem é composta de matéria espiritual ou inteligência, que, por natureza, é independente "naquela esfera em que Deus a colocou... *para agir por si mesma* ... Eis que nisto consiste o *livre arbítrio* do homem." (Ver D&C 26-38; grifo nosso.)

Em virtude dessa condição eterna, ao criar o homem e colocá-lo nesta terra, Eloim deu-lhe o arbítrio de agir livremente por si mesmo. Embora se aplique a todos os aspectos da vida, o Senhor declara especificamente com respeito aos assuntos temporais:

"Pois é conveniente que eu, o Senhor, faça cada homem responsável como um mordomo sobre bênçãos terrenas, as quais fiz e preparei para as minhas criaturas...

"Pois a terra está repleta, e há bastante e até de sobra; sim, eu

Os princípios mais fundamentais da salvação temporal incluem dois conceitos básicos: sustentar-se a si própria... e prover a subsistência da família.

preparei todas as coisas e permiti que os filhos dos homens fossem seus *próprios árbitros*" (D&C 104:13, 17; grifo nosso.)

Assim pois, entendemos que tudo está disposto de modo que o homem, se quiser, possa operar a própria salvação — tanto temporal como espiritual — e colher os benefícios prometidos neste seu segundo estado. A independência de que falamos na Igreja, portanto, resulta das verdades eternas associadas às doutrinas da inteligência e do livre arbítrio. Conseqüentemente, a independência ensinada pelos profetas torna-se uma verdade fundamental no plano do evangelho.

A independência implica o desenvolvimento individual de dotes e habilidades e posterior aplicação, para suprir as próprias necessidades e carências. Implica ainda que se desenvolvam esses dotes e técnicas por meio da autodisciplina, e a seguir, que sejam usadas em benefício próprio e alheio, com auto domínio e caridade. Que o Senhor espera que todos os seus filhos, física e mentalmente aptos, ajam assim em seu segundo estado, está claro em numerosas passagens das escrituras que se concentram no conceito do *trabalho* — trabalho pessoal, honesto, produtivo.

No princípio, por exemplo, o Senhor determinou que o homem deve sustentar-se pelo trabalho, quando disse a Adão: "... No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que retornes à terra. "(Gên. 3:19.)

E renovou a mesma diretriz para Israel:

"Seis dias trabalharás." (Êxo. 20.9.)

Na última dispensação, o Senhor voltou a falar claramente do assunto. "Não serás ocioso; porque o ocioso não comerá o pão nem usará as vestes do trabalhador", declarou. (D&C 42:42.) "E o ocioso não terá lugar na Igreja, a não ser que se arrependa e emende seus modos." (D&C 75:29.)

À luz dessas escrituras, nenhum membro deve querer ou procurar transferir voluntariamente a responsabilidade do próprio sustento a outra pessoa. Pelo contrário, todo membro deve procurar encontrar grande satisfação em realizar-se e progredir no trabalho; assim, ele terá direito aos frutos dos seus labores — tanto temporais como espirituais. A independência, como a entendemos, implica ainda pelo menos mais uma coisa — responsabilidade pessoal. Abinadi diz que, em questões espirituais, todos nós seremos levados diante do tribunal de Deus, a fim de sermos julgados por ele de acordo com as nossas obras, sejam elas boas

ou más. (Vide Mosiah, 16:10)

Exatamente como toda pessoa é responsável por suas opções e ações na esfera espiritual, ela é igualmente responsável nas coisas temporais. Se formos frugais e pouparmos para os tempos difíceis, teremos mais facilidade de vencer eventuais problemas financeiros. Se vivermos acima de nossos recursos, então sofreremos as conseqüências do endividamento provocado por nossos próprios atos. Se nos mantivermos atualizados em nossa profissão ou campo de trabalho, poderemos esperar uma promoção ou aumento de salário, quando houver oportunidade. Assim, pois, é por meio de nosso *próprio* esforço e decisões que *ganhamos* o sustento nesta vida. Embora o Senhor esteja pronto a nos ajudar de maneiras sutís e dramáticas, ele só pode guiar nossos passos, se movermos nossos pés. Em última instância, nossas próprias ações determinam nossas bênçãos — ou falta delas. Elas são uma conseqüência direta, tanto do livre arbítrio como da responsabilidade. E como somos responsáveis por nossas ações, somos também pessoalmente responsáveis por suas conseqüências. E ainda que nem sempre acompanhem diretamente o impacto de nossas ações, elas estão sujeitas à lei da safra — "tudo o que o homem semear, também ceifará". (Gal. 6:7.)

Gostaria de abordar agora o segundo princípio básico da salvação temporal — o da *dependência familiar.*

Na Igreja, o conceito de prover o sustento da família e de se depender dela para o desenvolvimento, cuidado e assistência mútuos — ou dependência familiar — é igualmente fundamental para a independência. A família é a unidade básica da Igreja. Nenhuma organização ou instituição pode ou deve substituir a família. A unidade familiar eterna é estabelecida por sagrado convênio e eterno governo do sacerdócio. Em virtude do compromisso assumido como parte desse convênio, o marido está obrigado a prover o sustento da família. Assim, nas palavras do Senhor:

"As mulheres têm o direito de receber de seu marido o sustento, até que eles sejam tirados...

"Todas as crianças têm o direito de receber de seus pais o seu sustento, até alcançarem a sua maioridade." (D&C 83:2,4.)

E Paulo, o apóstolo, deixou-nos esta declaração: "Mas, se alguém não tem cuidado dos seus, e principalmente dos de sua família, negou a fé, e é pior do que o infiel." (I Tim. 5:8.)

Depois de nossa responsabilidade pessoal de nos sustentarmos, a obrigação, bênção e oportunidade de fazê-lo amorosamente, até que partamos da mortalidade, cabe a nossa família — os pais aos filhos, os filhos aos pais. O mesmo convênio que obriga os pais a cuidarem dos filhos, também obriga os filhos a cuidarem de seus pais, quando necessário. O mandamento de honrar pai e mãe (Êxo. 20:12) continua válido para a Israel moderna e é requerido de todos os membros fiéis da Igreja.

Em conseqüência do princípio da dependência familiar, devemos compreender que, em geral ninguém tem direito aos recursos da Igreja para resolver problemas e necessidades temporais, até que a família haja feito tudo ao seu alcance nesse sentido. Isto é doutrina estabelecida pelo Senhor, quando diz: "E depois disso, elas têm direito ao auxílio da Igreja ou, em outras palavras, ao celeiro do Senhor, se seus pais não tiverem com que lhes dar herança." (D&C 83:5.)

Este princípio se aplica, sem exceção, à família de qualquer pessoa.

Porém, se quisermos ser mais semelhantes a Deus em nossas ações e desejos, e obter o Espírito do Senhor, devemos cuidar de que esses princípios também se apliquem aos outros parentes, àquele querido grupo de tios, tias, primos, bem como irmãos e irmãs, estendendo-se pelos demais ramos da árvore familiar.

Embora seja real que a *responsabilidade* de ajudar os parentes mais distantes não é tão grande como para os familiares imediatos, de forma alguma deixaremos de ser recompensados, se nosso coração e mente apreenderem o sentido lato de repartirmos nossos recursos com os "pobres, cada um de acordo com o que possui, assim alimentando o faminto, vestindo o despido, visitando o doente e aliviando seu sofrimento, tanto espiritual como corporal, conforme suas necessidades". (Mosiah 4:26.) Consegue algum de nós enxergar o resultado final de semelhante afeto familiar na vida das pessoas por nós assim assistidas, amparadas e abençoadas? Poderá algum de nós vislumbrar o impacto final desse cuidado justo e carinhoso pelos parentes mais afastados, independente de sua ou nossa presente estatura espiritual? Se procurássemos aplicar melhor a promessa de que "a caridade nunca falha" (I Cor. 13:8), haveria mais vidas modificadas, corações enternecidos e mais felicidade.

Quanta coisa tantos de nós poderíamos fazer por nossos irmãos e irmãs e pelos necessitados entre a parentela, se apenas conseguíssemos ver as coisas com os olhos do Senhor! "E novamente vos digo que todo homem estime a seu irmão como a si mesmo. Pois qual é o homem entre vós que, tendo doze filhos (ou irmãos, primos ou tios, parentes divorciados ou temporariamente desempregados), e não estimando mais a um do que a outro, a um diria... veste-te em trapos e senta-te acolá — e olhando aos seus filhos, diria, sou justo?

Eis que isto vos dei como parábola, e é como sou. Eu vos digo, sede um; e se vós não sois um, não sois meus." (D&C 38:25-27.)

A melhor maneira, talvez, de estabelecer essas responsabilidades mútuas seja assim: A família imediata tem *obrigação* de ajudar-se mutuamente; os parentes têm a oportunidade de se ajudarem uns aos outros. E quando nosso entendimento de amor cristão amadurece, aproveitaremos com alegria as oportunidades de ajudar.

Tendo em mente esses conceitos básicos da salvação temporal — independência e dependência familiar — convém examinarmos seu relacionamento com o plano de bem-estar da Igreja e o conselho de

preparação pessoal e familiar.

A necessidade atual de preparação pessoal e familiar é óbvia. O que talvez não esteja muito claro é a extensão da independência ou auto-suficiência que esperamos dos indivíduos e famílias. A primeira linha de defesa contra os problemas de hoje deve ser a fiel observância dos conselhos recebidos. Isto quer dizer, primeiro as pessoas; depois, a unidade familiar. Somente após verificarmos a impossibilidade de o problema ou necessidade ser resolvido por essas duas fontes de assistência, é que devemos recorrer à Igreja através do bispo.

A assistência prestada pelos bispos segue diretrizes claramente estabelecidas. Temos instruído os bispos sobre o fato de os princípios da independência pessoal e dependência familiar serem parte integrante do programa de Serviços de Bem-estar da Igreja. Assim, a ênfase de pregar a preparação pessoal e familiar lhe serve de guia ao considerar a forma de ajudar unidades familiares de sua ala a se ajudarem a si próprias.

O que pode um bispo esperar que a pessoa faça, antes de pedir-lhe assistência? Nos primórdios do programa de bem-estar, o Presidente J. Reuben Clark Jr. deu este conselho às pessoas física e mentalmente aptas — às pessoas que devem prover seu próprio sustento:

"Que cada chefe de família cuide de dispor de alimento e roupa suficiente e, onde for possível, combustível também, para pelo menos um ano... Todo homem que tenha um quintal, plante uma horta; quem tiver uma fazenda, que a cultive." (*Discursos de Conferência Geral,* outubro de 1973, pp. 77-78.)

O que, então, significa estar preparado? Alguém me fez uma pergunta difícil de responder, anos atrás: "Qual é a coisa mais importante que se deve ter de reserva para um ano?" Minha resposta foi dada com muita seriedade: "Retidão pessoal." Conforme nos tem sido recomendado, é importante termos uma reserva de alimentos e roupas e, se possível, combustível, para um ano. Somos aconselhados também a ter uma reserva monetária para emergências e um adequado seguro de vida, acidentes e para a casa. A preparação pessoal e familiar, entretanto, vai muito além desses aspectos tangíveis. Deve incluir atitudes apropriadas, disposição de frugalidade, consideração piedosa de todas as aquisições maiores e aprender a não gastar mais do que se ganha.

Infelizmente, estudos mostram que muitos de nós não estamos seguindo estas recomendações, evidentemente acreditando que a Igreja pode e irá cuidar de nós. Entretanto, o maior recurso de que o bispo dispõe é a força dos indivíduos e unidades familiares dentro da ala. Os membros devem saber que os bispos estão sujeitos a normas e diretrizes. Eles são instruídos a ensinar seus membros a viverem sensatamente e a primeiro recorrer a seus próprios recursos e aos de sua família. Só então o bispo, ao qual o Senhor deu a responsabilidade de decidir como a Igreja poderá ajudar os membros da ala, pode lançar mão dos recursos da Igreja.

Esses recursos vão além de produtos alimentares e outras utilidades, ou fundos das ofertas de jejum. O bispo dispõe de muitos outros recursos, alguns mais saciáveis que comida, mais confortadores que roupas e combustível, e mais duradouros que dinheiro. Refiro-me às essências do evangelho e sua capacidade de assistir-nos na solução de nossos problemas espirituais e temporais. Ao prestar assistência à maneira própria do Senhor, a *responsabilidade* principal do bispo é fortalecer os santos, ensinando-lhes princípios corretos que poderão aplicar em sua vida; a fim de satisfazer grande parte de suas necessidades e carências. Ele pode ainda recorrer a pessoas especializadas dos quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque, capazes de aconselhar, instruir e ajudar a pessoa a superar problemas de longo alcance.

Portanto, como uma de suas principais responsabilidades, cabe ao bispo ensinar a importância da independência pessoal e dependência familiar — de fato, como pastor das ovelhas do Pai, ele deve ensinar cada princípio do evangelho com seu poder de edificar, suster, apoiar, renovar, purificar, santificar, preencher e satisfazer todas as nossas necessidades e justos desejos. Ele deve ajudar os que lho pedem, fazer uma avaliação de suas condições, estabelecer suas metas e objetivos, decidir seus planos e próprias soluções para seus problemas — ajudá-los a seguir com segurança seu próprio curso. Ao bispo não cabe fazê-lo por nós. Sua função primordial é de conselheiro e confidente. Ele nos ajudará a enfrentar qualquer necessidade imediata e premente, mas a medida e extensão de sua ajuda será determinada pelo que nós e nossos familiares imediatos já fizemos para resolver o problema. Mas como a pessoa e família deverão estar procurando solucionar um problema imediato, os recursos da Igreja são utilizados normalmente apenas para assistência tempóraria, para transpor a brecha entre o problema e sua solução mais rápida possível.

Além de auxiliar os necessitados entre nós, é importante lembrar que todos nós precisamos do programa de bem-estar, e uma das razões é porque o Pai está procurando ensinar-nos muitas importantes verdades eternas — a mais essencial das quais é o amor ou caridade. A alma humana cresce incalculavelmente, quando se volta do próprio eu para seus semelhantes. E como esta é a maior obra de nosso Pai Celeste — trabalhar alegremente em prol do avanço e progresso de outros — como poderíamos imaginar receber tudo o que ele possui, sem implantar profundamente em nossa própria vida suas motivações de amor, tornando-nos assim seus verdadeiros filhos e filhas?

Procurei reafirmar certas verdades fundamentais: (1) A independência pessoal é um princípio eterno e vital da salvação temporal; (2) a dependência familiar também é um princípio vital da salvação temporal e a resposta para muitos problemas temporais; (3) certos membros precisam reconsiderar suas prioridades e, em alguns casos, redefinir e abandonar "luxos" e tomar providências mais adequadas

para suas necessidades; (4) os membros precisam compreender a função do bispo no plano de bem-estar, que é obedecer a determinadas diretrizes e ministrar assistência com recursos da Igreja mediante inspiração divina, dentro dessas diretrizes.

É igualmente minha intenção incentivar todos os santos dos últimos dias a reexaminar sua preparação pessoal e familiar, aplicando imediatamente os princípios e práticas que hão de assegurar-lhes a auto suficiência. Se debatermos essas verdades em nossos conselhos de família e planejarmos fazer tudo ao nosso alcance para vivenciar esses princípios, faremos todos jus à promessa do Senhor: "Se estiverdes preparados, não temereis." (D&C 38:30.)

Mais importante ainda, se vivermos previdente e retamente, estaremos qualificados para a promessa maior: "E quem for um mordomo justo, fiel e sábio, entrará para o gozo do seu Senhor e herdará a vida eterna." (D&C 51:19.)

O maior recurso de que o bispo dispõe é a força dos indivíduos e unidades familiares dentro da ala.

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Compartilhe seus sentimentos acerca da importância de se trabalhar e prover o próprio sustento e o da família. Ou conte uma experiência pessoal sobre as bênçãos de se estar preparado. Peça aos membros da família que externem o que pensam da independência pessoal e dependência familiar.

2. Debata meios de a família preparar-se melhor para quaisquer problemas financeiros ou econômicos que possam surgir.

3. Por que é necessário, conforme sugere o Presidente Romney, que os membros da Igreja estejam preparados para emergências?

4. O presente artigo contém citações ou passagens das escrituras que a família poderia ler em voz alta, ou você conhece alguma outra escritura que gostaria de citar?

5. Esse debate ficaria melhor depois de uma conversa preliminar com o chefe da família? A liderança do quorum ou bispo tem alguma mensagem especial para o chefe da família, concernente à preparação pessoal e familiar?

Presidente Romney completa 84 anos

O Presidente Marion G. Romney, segundo conselheiro na Primeira Presidência, festejou seu octogésimo quarto aniversário a 19 de setembro. Ele foi homenageado com uma reunião de sua família em Provo, Utah.

O Presidente Romney nasceu em 19 de setembro 1897, na Colonia Juarez, México, mas veio com sua família para Utah quando ainda criança. Depois de exercer a profissão de advogado por muitos anos, foi chamado para servir como Assistente dos Doze em 1941, no Conselho dos Doze em 1951 e tem servido na Primeira Presidência desde 1972.

Sua esposa, Ida, faleceu em 1979. Ele tem dois filhos e vários netos.

Meses atrás, reuni-me com um grupo de amigos que não via há muitos anos. Muitos deles haviam mudado bastante — queda de cabelo, aumento de peso e alguns estavam até mesmo mais magros. Foi igualmente interessante notar suas aparentes modificações emocionais e espirituais. Uma senhora deixou-me realmente intrigado. No colégio fora uma moça particularmente tímida e nada popular entre os rapazes. Agora se mostrava uma pessoa notavelmente atraente e dinâmica. Seu progresso

Edificação no Casamento

Val. R. Christensen

emocional e espiritual era igualmente óbvio. Durante toda a reunião, fiquei observando o relacionamento entre ela e o marido e logo deu para perceber por que ela refletia tanta paz e beleza. Fora abençoada com um companheiro compreensivo e de atitude positiva, e no decorrer dos anos, os dois haviam-se tornado pessoa bastante maduras e felizes.

A observação leva-me a crer que o crescimento das pessoas após o casamento depende em grande parte das atitudes positivas e negativas dos cônjuges. De fato, o que se pensa do marido ou esposa pode determinar consideravelmente o que ele ou ela podem tornar-se. Seu companheiro pode transformar-se em escravo ou num rabugento ou, então, numa pessoa produtiva e cativante. Ambos progridem de acordo com a maneira de tratar-se.

ABORDAGEM POSITIVA

Anos atrás, uma senhora queixou-se para mim do marido. Pedi que me descrevesse algumas de suas atitudes. Disse que, na maioria das vezes, era muito negativo. Chegando em casa á noite, logo se punha a reclamar da desarrumação. Quando ocasionalmente o jantar não estava pronto na hora, isso logo era motivo para críticas. Ela não era nem tão elegante nem intelectualmente interessante quanto o marido desejava. Também com as crianças ele se mostrava negativo, fazendo costumeiramente comentários bastante críticos.

A seguir, pedi àquela senhora que me descrevesse seu comportamento para com o marido. Ela então admitiu que quase tudo o que fazia era com intenção de magoá-lo. Na verdade, chegava a atrasar o jantar só para aborrecê-lo. Também, quanto mais ele a mandava cuidar melhor de sua aparência, menos vontade sentia de fazê-lo. A casa ficava muitas vezes em desordem, simplesmente porque não tinha motivação para arrumá-la. Em suma, ela pouco fazia para agradar ou cativá-lo.

Percebi que restava entre eles afeto suficiente para se corrigir a situação — desde que se esforçassem realmente em desenvolver atitudes positivas para com o outro. Sugeri que voltasse para casa e melhorasse sua aparência, arrumasse a casa, lesse um bom livro e procurasse tornar-se mais atraente e interessante. Recomendei que todas as noites recebesse o marido com um sorriso e atitude positiva.

Tal modificação drástica na atitude dela foi um choque para o marido. A princípio, mostrou-se bastante desconfiado, certo de que devia haver algo de errado ou que sua esposa procurava agradá-lo por motivos escusos. Porém, quando ela manteve o comportamento positivo, ele começou a gostar da atenção especial que recebia e agradar-se de seus comentários positivos. Passava mais tempo em casa e seu relacionamento com os filhos melhorou. O casamento deles voltou a ser bom e gratificante.

ABANDONAR O NEGATIVO

Muitas coisas maravilhosas acontecem na vida das pessoas, quando conseguem transformar suas atitudes negativas em positivas. Quase ninguém negligencia propositadamente seu parceiro e suas necessidades emocionais, mas freqüentemente passamos semanas a fio sem reparar nas boas qualidades dele, sem lhe dar uma demonstração especial de afeto ou reforço positivo às boas coisas que faz por nós. Certa ocasião, atendi um casal mandado por um bispo. Quando se puseram a desfiar um monte de queixas recíprocas, tentei

dirigir a conversa para os aspectos positivos do seu relacionamento — qualidades que antes admiravam no outro, prazeres que compartilharam, metas conjuntas que haviam estabelecido muitos anos atrás. Então começaram a falar de seus familiares, amigos e outras pessoas que consideravam importantes em sua vida; ficou patente que eles realmente apreciavam esse aspecto de seu relacionamento. Isto levou à menção de sua meta de segurança financeira, que já haviam alcançado. Continuando a conversar, seu antagonismo se foi gradualmente esvaindo. Depois de mais algumas reuniões, o casal concordou em dar mais outra chance ao seu casamento.

REFORÇO

Muitos casamentos não se desenvolvem produtivamente, por causa do que costumamos chamar de "reforço negativo". Muitas vezes o reforço é prejudicial a um relacionamento por ser dado de maneira errada, ou então num momento inoportuno ou desnecessário, ou quando não pode ser bem entendido. Para ser benéfica num casamento, a crítica tem de ser solicitada pelo parceiro. Isto é, o parceiro talvez queira saber como se está saindo na função de pai, mãe, provedor ou líder do sacerdócio. Mas tal informação deve ser dada só a pedido.

Muitas coisas maravilhosas acontecem na vida das pessoas, quando conseguem transformar sua atitude negativa em positiva.

FAZER PERGUNTAS ANTES DE CRITICAR

No casamento, é importante receber informações que nos permitam melhorar como cônjuge. Mas ouvir apenas coisas negativas pode realmente desanimar. É por isso que só se deve criticar raramente e então apenas depois de nos fazermos estas perguntas sugeridas pelo Dr. Sidney B. Simon (Vide *Negative Criticism*, Illinois: Argus Comunications, 1978):

1. Meu parceiro está em condições de ouvir minha crítica agora? Às vezes não escolhemos muito bem o momento de criticar, fazendo-o quando estamos aborrecidos ou cansados. O cônjuge talvez volte tarde do trabalho, atrapalhando com isso todo o programa da noite. Certos pais ficam esperando o filho ou filha adolescente chegar em casa só para desabafar suas frustrações emocionais altas horas da noite. É muito melhor externar o contentamento de vê-lo chegar em segurança e aguardar uma hora melhor para abordar o problema, depois de uma boa noite de sono.

2. Depois de criticar, estou disposto a conversar com meu parceiro sobre o assunto? Muitas vezes se critica quando não há tempo para conversar a respeito. Certo marido sentiu-se magoado, quando a esposa lhe fez um comentário negativo, justamente na hora de sair para o trabalho. Ele partiu sentindo-se deprimido e desanimado, o que prejudicou sua viagem.

3. Quantas vezes meu cônjuge já ouviu a mesma crítica? Se o cônjuge não atende a um pedido repetido nosso, como limpar a garagem, guardar suas roupas ou cuidar mais das crianças, pense em outra abordagem. A gente muitas vezes se torna surdo para críticas constantes sobre o mesmo assunto.

4. Meu cônjuge consegue mudar o que criticamos? Às vezes criticamos pessoas por serem tímidas, gordas, magras, desatenciosas ou insensíveis. Tais rótulos são freqüentemente difíceis ou impossíveis de superar. Conheço uma senhora que queria um marido mais alto, o que era frustrante para ele, pois não podia crescer. Outras vezes criticam-se condutas ou atitudes extremamente difíceis de modificar. Embora todos devamos procurar aperfeiçoar-nos ao máximo, os cônjuges devem ser sensíveis e realistas ao que se pode mudar num período razoável de tempo.

5. A crítica negativa não será uma simples expressão emotiva de minhas próprias mágoas, temores e necessidades psicológicas? É fácil notar quando uma pessoa perdeu seu controle emocional e está simplesmente desabafando. Se isto acontece durante um diálogo com nosso cônjuge e sentimos o coração acelerar-se e nossas palavras se atropelarem, podemos estar certos de que tal diálogo só levará a discórdias.

6. Será que meu parceiro realmente precisa de um comentário negativo justo agora? Não seria preferível demonstrar-lhe amor e consideração, e expressar pensamentos positivos neste momento como um meio de incentivá-lo? A maioria das pessoas reconhece seus defeitos e quer sinceramente emendar-se. Num clima de amor, aceitação e apoio, torna-se mais fácil alcançar essa meta. Porém, se forem constantemente lembradas de suas falhas, jamais recebendo um reforço positivo por conduta apropriada, torna-se quase impossível elas se modificarem.

REDUZIR OS PONTOS CEGOS

Todos nós temos pontos cegos na vida — deficiências patentes que nós próprios não reconhecemos. No casamento, é importante criar-se uma atmosfera em que os parceiros podem chamar atenção para tais deficiências. Por isso, deve existir entre eles muito amor e confiança. O motivo por trás da crítica deve ser de ajudar a outra pessoa. E o mais importante, deve ser feita em doses pequenas para poder ser absorvida.

Quando aceitamos o reforço, tanto negativo como positivo, facilitamos o trabalho do cônjuge e também fica mais fácil nos modificarmos. Convide seu cônjuge para uma conversa; dê-lhe oportunidade de comentar o ambiente familiar e seu desempenho como companheiro conjugal. Indagar como se poderia ser melhor marido ou pai, esposa ou mãe é uma excelente questão para ser debatida a intervalos regulares; e as mudanças necessárias se darão mais depressa, quando a crítica é feita com amor e genuíno interesse.

PASSOS PARA UM BOM CASAMENTO

Quais são, pois, alguns meios específicos de incrementar os aspectos positivos de nosso casamento?

1. Fazer uma lista. Anote por escrito todas as coisas que você realmente aprecia em seu cônjuge e que são importantes para você. Remonte aos tempos de namoro, para lembrar-se das características ou atributos que você considerava importantes então.

Certa vez pedi a um casal que fizesse isso. Os dois acharam que seria impossível encontrar mais de duas ou três coisas. A lista começou com algumas coisas óbvias como "boa cozinheira" ou "senso de humor", mas logo se alongou,

incluindo características presentes na conduta do companheiro, mas que muitas vezes deixamos de notar. Passado algum tempo, ambos acabaram com uma lista comprida que realmente os surpreendeu.

2. Admirar abertamente as qualidades do parceiro. É importante que os filhos, amigos e conhecidos saibam da admiração que você nutre por seu cônjuge, o que se pode fazer sem jactância ou orgulho. Simplesmente chame atenção para suas qualidades positivas. Seu bem-amado adorará ouvir você falando dessas coisas e corresponderá de igual maneira.

Indagar como se poderia ser melhor marido ou pai, esposa ou mãe é uma excelente questão para ser debatida a intervalos regulares.

---

3. Vigiar as emoções negativas. Às vezes, nossos rompantes de zanga, críticas em público ou comportamento grosseiro no lar geram uma atmosfera opressiva capaz de expandir-se e tornar-se parte integrante de nossa vida conjugal. É preciso o máximo empenho em evitar essas emoções.

4. Reativar o amor romântico. Volte ao amor e relacionamento romântico que você gozou com seu cônjuge. Recorde os bons tempos, as belas memórias, as longas conversas que foram uma parte importante de seu casamento. Descubra formas especiais de demonstrar seu afeto e interesse. Apaixone-se novamente por seu cônjuge.

5. Falar baixo. Na maioria dos lares em que reina uma atmosfera positiva, os familiares se respeitam mutuamente, a ponto de não se ouvirem palavras duras ou gritadas. A raiva não deve ser parte da rotina diária; palavras edificantes incentivam as pessoas a crescer e desenvolver-se no sentido positivo.

6. Conservar a integridade. É vital que os parceiros conjugais mantenham um elevado senso de honradez e integridade. Confiança e amor contribuem consideravelmente para a criação de um relacionamento positivo; arrependimento e perdão conseguem restaurar o senso de integridade perdido.

7. Renovar a fé espiritual. Num lar em que existam muitos sentimentos negativos, geralmente falta fé espiritual. É importante que os cônjuges estudem juntos as escrituras. Eles devem ir às reuniões e prestar serviço na Igreja, a fim de conseguir para si e seus familiares o crescimento espiritual e as bênçãos decorrentes da atividade no evangelho. A dedicação à obra do Senhor gera, sem dúvida, sentimentos e atitudes positivos em nossa vida.

Toda pessoa, num casamento, considera-se um ser sensível e importante. Nós conseguimos mudar mais rapidamente, quando esse conceito positivo é reforçado. Como cônjuges, podemos ficar martelando nas características negativas de nosso companheiro ou reforçar suas boas qualidades com comentários carinhosos e sinceros: "Eu te amo", "Você é importante para mim", "Você se sairá melhor na próxima vez", "Sempre podemos aprender com nossos erros", "Quero ajudar você".

O casamento alimentado por comentários positivos como estes não pode deixar de transformar-se numa experiência bela e duradoura.

Irmão Cuenca e sua fé

Fred R. Gladden Jr.

Após uma conferência missionária, meu companheiro e eu voltamos para nosso pequeno apartamento no centro de Fresno, Califórnia, a fim de nos prepararmos para os compromissos da tarde. Estávamos a 16 de dezembro e eu queria poder dar o

presente especial do batismo a uma família de pesquisadores pelo Natal. Ajoelhamo-nos no chão duro e frio, suplicando a orientação do Senhor.

Naquela tarde, fomos até um pequeno bairro mexicano, na parte leste da cidade, para visitar a família Cuenca, composta de quinze pessoas que conheceramos havia poucos dias. Crianças alegres nos receberam calorosamente e se penduravam em nosso paletó. Apertamos treze mãozinhas meia dúzia de vezes, antes de conseguirmos dar início à palestra.

Enquanto meu companheiro ensinava o primeiro conceito em seu espanhol imperfeito, reparei na pobreza daquele lar. A sala continha apenas um sofá, algumas cadeiras cambaias trazidas da cozinha e quinze pessoas escutando com toda atenção. Passei a ensiná-los e o Espírito me induziu a desafiá-los para o batismo. E eles o aceitaram.

Embora espiritualmente ricos, temporalmente os Cuenca eram muito pobres. O Irmão Cuenca ganhava um salário irrisório. Contaram-nos que, quando tinham comida, comiam; mas normalmente jejuavam. Ainda assim, sempre ofereciam algum alimento aos missionários, pois os consideravam "anjos do céu". Não me sentia nem um pouco angelical vendo olhos famintos espiando nas portas, enquanto eu mastigava sua escassa refeição. Sabia que era um sacrifício para eles servir-nos mesmo aquelas coisas tão simples.

Roguei ao Senhor que abençoasse os Cuenca com a fé necessária para aceitar os mandamentos que lhes ensinávamos — mas em minha débil fé achava impossível eles aceitarem a lei do dízimo. Continuamos a dar as palestras e, inevitavelmente, chegou a hora de ensinar o princípio do dízimo. Quando meu companheiro deu início à palestra, fiquei suplicando em silêncio o auxílio do Senhor. Quando, ainda duvidando, comecei a ensiná-los, eles sem hesitação comprometeram-se a obedecer, exatamente como a todos os demais mandamentos. Senti-me tomado de uma serena paz e também de vergonha, ao lembrar-me das palavras do Senhor: "Homens de pouca fé." (Mat. 6:30.)

Em minha débil fé, achava impossível eles aceitarem a lei do dízimo.

A família foi batizada. No Natal não tinham nada para dar, a não ser dar de si e do seu amor. Ensinaram-nos algo de sua cultura por meio de músicas, danças e histórias. Nós lhe demos comida e brinquedos. Então o Irmão Cuenca ofereceu a prece de Natal. Mais tarde, na mesma noite, cheguei à conclusão de que aquele Natal fora o melhor de toda minha vida. Os membros da família Cuenca haviam-nos dado tudo o que tinham — seu afeto.

Logo chegou janeiro e o fim de minha missão. Pediram-me que servisse de intérprete aos membros de fala espanhola que quisessem prestar testemunho. Minha garganta se contraiu, quando vi o Irmão Cuenca se aproximando. De pé, no púlpito, orgulhoso e aprumado, se pôs a falar e, de repente, senti lágrimas escorrendo-me pela face. Dizia ele: "Sou grato ao Senhor por ter mandado os missionários a minha casa. Desde que nos batizamos e

pagamos o dízimo, sempre temos o que comer. Às vezes não sei de onde vem."

Minha missão terminou. Mas sempre lembrarei de um humilde lar num obscuro bairro mexicano, no qual o Senhor me deu uma lição de fé, obediência e bênçãos.

Fred R. Gladden Jr., estudante da Universidade Brigham Young, ensina espanhol no Centro de Treinamento Missionário em Provo, Utah.

"Diga-lhe Que Eu a Mandei"

Kathleen Scott

Quando me contou seu problema, dei-me conta de que eu era justamente a pessoa capaz de compreendê-la perfeitamente.

Eu estava no corredor da capela, conversando com uma irmã que havia pouco se mudara para nossa ala. Como presidente da Sociedade de Socorro, era minha responsabilidade dar as boas-vindas a todas as novas irmãs, assegurando-lhes nossa aceitação e afeto. Quando, momentos mais tarde, fui atender outros assuntos urgentes, tive a sensação incômoda de que havia algo errado com aquela irmã. Dei de ombros, achando que fosse imaginação minha.

Duas semanas depois, enquanto cuidava dos serviços de casa, pareceu-me ouvir estas palavras: "Vá conversar com a Irmã Fulana". Surpresa, cheguei a responder audivelmente: "Mas, com que pretexto?" e veio a resposta: "Diga-lhe que eu a mandei". Eu tinha certeza de que eram palavras do Senhor e que não podia ignorar os influxos do Espírito.

No domingo seguinte, procurei aquela irmã e pedi que conversássemos em particular. O que eu lhe diria? Repetir-lhe as palavras ditadas pelo Espírito parecia-me um tanto dramático, e naquele momento cheguei a pensar que talvez estivesse

cometendo um erro.

— Creio que você tem algum problema, — acabei dizendo. — O Senhor me mandou procurá-la.

Para meu assombro, seus olhos se encheram de lágrimas, não lágrimas de autocomiseração mas de alegria e agradecimento.

— Há dois meses venho rogando ao Senhor que me indicasse alguém com quem pudesse falar de minhas dificuldades, — comentou.

Pude, então, fitá-la diretamente nos olhos e dizer:

— Irmã, não conheço suas dificuldades, mas sei que sou a pessoa com quem deve conversar sobre elas.

Quando me contou seu problema, dei-me conta de que eu era justamente a pessoa capaz de compreendê-lo perfeitamente, pois passara por experiência semelhante. Embora reconhecendo que certos assuntos confidenciais, logicamente, devam ser resolvidos pela sabedoria e autoridade do bispo, esse incidente mostrou-me que outros podem ser resolvidos simplesmente com um ouvido atento e coração compreensivo.

O Espírito tem-me induzido a oferecer auxílio semelhante em outras ocasiões. Sempre que isto acontece, os resultados me surpreendem e maravilham, pois de que outra maneira conseguiria o Senhor realizar sua obra não fora usando os que têm disposição de ouvir e obedecer?

Kathleen Scott, mãe de cinco filhos, é diretora de comunicações públicas da Estaca St. Albans, Inglaterra.

Construir Capelas para os Santos

Ronald C. Barker

Construir capelas vai além de adquirir imóveis e entender-se com empreiteiros. Enquanto servia como conselheiro do Presidente Evans T. Doxey, da Estaca Salt Lake Hunter Oeste, anos atrás, recebi a designação de comprar terrenos para a construção de capelas. O crescimento explosivo dessa área tornava imperativa a construção de novas capelas, pois tínhamos apenas duas na estaca, com quatro alas reunindo-se em cada uma delas.

Em oração, escolhemos um lote apropriado, mas, a despeito de diversos meses de negociações, não conseguimos adquiri-lo. Um terreno ao norte apresentou problemas de arruamento; outro ao sul chegou à fase de levantamento topográfico, quando as autoridades municipais nos informaram não poderem permitir a construção pretendida. O quarto local foi eliminado, porque a distância e desníveis do terreno aumentariam demasiadamente o custo do sistema de esgotos.

Com isto, haviam-se passado quase dois anos. Praticamente todas as alas deveriam ter sido divididas. Era preciso que algo acontecesse imediatamente.

O Presidente Doxey designou um dia de jejum e oração para a estaca, buscando auxílio do Senhor. Passados dois dias, o proprietário do primeiro lote cogitado telefonou, dizendo que o terreno estava à venda.

Já então estavam em andamento planos para a divisão da estaca, e o Presidente Doxey encarregou-me de adquirir a propriedade para uma nova sede de estaca. Após minucioso estudo e oração, escolhemos um terreno de 16000 m², pertencente a duas famílias da Ala Hunter VI. O bispo providenciou um encontro com

as duas famílias. A primeira, generosamente concordou em doar sua metade do imóvel. Quando me reuni com o outro casal, cujo marido se convertera havia um ano, ele disse:

— Eu sei por que nos chamou.

Na noite anterior, sonhara ter sido chamado ao mesmo escritório, estando presentes as mesmas pessoas, e eu lhe explicara que seu vizinho concordara em doar 8000 m^2 para a construção de uma sede de estaca e convidara-o a fazer o mesmo. Ele então acordou a esposa, contou-lhe o sonho, voltou a dormir, teve o mesmo sonho novamente, acordou novamente a esposa e contou-lhe o sonho, adormeceu novamente, sonhou pela terceira vez e mais uma vez acordou a esposa. Ela lhe disse, emocionada: "Diga-lhe que pode ficar com o terreno e volte a dormir!"

Uma nova sede de estaca foi construída nesse terreno ideal.

Dividida a estaca, o Presidente Doxey, chamado então para presidir a nova Estaca Hunter Centro, voltou a me encarregar da compra de um terreno. Pertencia a uma viúva fiel, membro da estaca que, ao ser consultada, respondeu que o lote não estava à venda, mas que gostaria de doá-lo à estaca.

Essas repetidas experiências ensinaram-me algo novo sobre fidelidade, amor e generosidade dos bons membros da Igreja. Ensinaram-me ainda que o Senhor participa ativamente dessas transações.

Ronal C. Barker, advogado e pai de nove filhos, é primeiro conselheiro na presidência da Estaca Salt Lake Hunter Centro.

Élder G. Homer Durham Recebe Novo Chamado

Élder G. Homer Durham, membro do Primeiro Quorum dos Setenta desde 1976, foi apoiado como membro da presidência do quorum na Conferência Geral de outubro próximo passado. Ele preenche a vaga criada em julho de 1981 quando o Élder Neal A. Maxwell foi chamado como membro do Quorum dos Doze Apóstolos.

Na época do chamado para seu novo cargo, Élder Durham estava hospitalizado recuperando-se de uma cirurgia do coração.

Élder Durham, com 70 anos de idade, veio a ser uma Autoridade Geral após uma carreira muito bem sucedida em educação superior. Aposentou-se em 1976 após sete anos como primeiro comissário e alto funcionário da Secretaria de Educação do Estado de Utah. Também foi presidente da Universidade Estadual do Arizona e vice-presidente da Universidade de Utah.

Desde seu chamado para o Primeiro Quorum dos Setenta, prestou serviços como diretor gerente do Departamento Histórico da Igreja.

É casado com Eudora Widtsoe, e têm três filhos.

Em 1977, a recém-criada Estaca Ottawa Ontario, no Canadá, enfrentava alguns desafios incomuns. Além de Ottawa, ela abrangia a região leste de Ontario, a província de Quebec e a parte norte do Estado de Nova York. Além disso, a nova estaca tinha uma variada composição étnica. Incluía um ramo chinês em Montreal, Canadá, onde dois missionários da Missão Hong Kong ajudavam no proselitismo; um ramo bilíngue (inglês-francês) em Hawkesburg, Canadá; e um ramo

O Sacrifício Faz Crescer e Desenvolver-se

Carma T. e Roy A. Prete

exclusivamente lamanita, em Hogansburg, Nova York, na Reserva St. Regis.

Uma das necessidades mais urgentes da nova estaca era a construção de prédios apropriados, visto que muitas alas e ramos se reuniam em salas alugadas e escolas. O presidente da estaca, Boyden E. Lee, sentia que era preciso construir capelas adequadas para a estaca poder crescer mais rapidamente. Lançou-se então um plano de construção qüinqüenal, mas, ao fim do primeiro ano, os resultados eram ínfimos.

Por isso, a presidência da estaca decidiu-se por um programa especial para levantar os fundos necessários — um milhão de dólares — em dois anos. Essa decisão causou profunda preocupação ao Presidente Lee, que imaginava como poderia pedir aos membros da estaca quantia tão grande em tão pouco tempo, numa época de inflação e dificuldades financeiras. Ao preparar-se para a conferência especial da estaca, ele disse que se sentia impelido a dar uma bênção e promessa especial aos membros da estaca selando essa promessa pelo poder do sacerdócio, exatamente como numa bênção individual. A princípio, hesitou, mas a impressão persistia, e ele não conseguia desfazer-se dela.

O programa especial de levantamento de fundos foi apresentado à assembléia, à qual os membros adultos da Igreja deveriam comparecer após um jejum e oração. Ao término da reunião, o Presidente Lee de fato proferiu a bênção especial sobre os membros da estaca, prometendo que, se fizessem tudo ao seu alcance, o Senhor abriria as portas para poderem cumprir sua quota no fundo de construção. Esta promessa foi selada sobre cada membro da estaca pelo poder do sacerdócio.

Os resultados foram realmente notáveis. Um ex-missionário que havia oito meses procurava emprego sem resultado, mostrou-se cético, quando o bispo lhe sugeriu determinado valor como sua contribuição. Entretanto, disse ao Senhor que, se ganhasse alguma coisa, pagaria de boa vontade sua quota — e até mais, se necessário. O primeiro empresário que procurou naquele dia, ofereceu-lhe um emprego permanente para início imediato. Dois dias mais tarde, seu salário foi aumentado.

Um negociante que estava em vias de encerrar seu negócio, subitamente concebeu um meio de melhorar seu produto. Pôs mãos à obra e logo estava em franca produção; contou que o volume de vendas era mais alto que nunca antes.

Um membro estava sentado em seu gabinete de repartição pública, imaginando como conseguiria pagar a quota sugerida pelo bispo. Ao orar pedindo ajuda, veio-lhe a idéia: "Simplesmente peça aumento de vencimentos; é o bastante." A mensagem foi tão vivida, que fez exatamente isso. Calculando o quanto poderia pagar de seu próprio bolso, solicitou um aumento correspondente ao que lhe faltava. Para surpresa sua, o pedido foi aprovado e ainda mais, com retroação de um ano, permitindo-lhe cumprir seu compromisso muito antes do que pensava.

Certa mãe com quatro filhos, ajoelhou-se com eles em torno da

mesa da cozinha, orando ao Senhor para que a ajudasse a pagar a quota. Na mesma noite recebeu um telefonema da vizinha, perguntando se poderia cuidar dos filhos pequenos dela em caráter permanente. Umas seis semanas antes, a oferta dessa irmã para cuidar das crianças fora recusada, com a desculpa de que seu preço era excessivo. A vizinha explicou que, naquela tarde, tivera a forte impressão de que ela seria a pessoa mais indicada para cuidar bem dos filhos e que isto valia qualquer preço que pedisse.

Certo irmão, ex-prisioneiro de guerra, teve que tirar dinheiro de sua conta de poupança — dinheiro reservado para outro propósito especial. Depois, soube do programa de pensões para prisioneiros de guerra canadenses e que estava qualificado a recebê-la. Na verdade, recebeu a pensão com efeito retroativo, e a soma acumulada era um pouco superior ao dinheiro retirado da poupança para saldar sua quota.

Muitos outros comunicaram experiências semelhantes. Surgiram empregos, houve promoções, investimentos aparentemente sem valor tornaram-se lucrativos, apareceram contas bancárias há muito esquecidas e heranças foram recebidas.

Passados dois anos, o fundo de construção da estaca contava mais de 800.000 dólares. Desde aí, três capelas já foram construídas, mais duas estão em construção e outras quatro tiveram projeto aprovado. Quando estas estiverem concluídas, todas as dezesseis alas e ramos da estaca disporão de uma boa e moderna capela. O adágio de que "o sacrifício faz fluir as bênçãos do céu" ficou plenamente provado em toda a estaca. Nosso programa especial de construção está agora produzindo frutos em forma de crescente espiritualidade e batismo de conversos. No dia 6 de julho de 1980, menos de três anos e meio após sua criação, a estaca foi dividida surgindo a Estaca Otawa Ontário e Estaca Mount Royal, em Montreal, Quebec, lançando os fundamentos para futuro progresso e desenvolvimento.

Procuram-se jovens

O Presidente Kimball deseja que os jovens vivam o evangelho.

Ele alistou algumas idéias para nossos jovens, explicando que o mundo honra e admira o bom caráter dos santos dos últimos dias. Diz o presidente: "O mundo e a sociedade estão esperando jovens varonis para liderarem as próximas gerações.

"Procuram-se: Jovens que ouvirão os conselhos dos que conhecem a vida e as alegrias da concordância e as tristezas da desobediência."

Que vivam livres das manias de novidades; que não estejam influenciados pelas idiossincrasias dos líderes excêntricos e falsos.

Que não pularão no abismo, como as ovelhas, só porque o bando saltou antes deles para a destruição; jovens que se sujeitarão apenas às pressões sociais as quais a sabedoria classifica de apropriadas.

Que resistirão às influências anti-sociais antagônicas ao desenvolvimento correto; que obedecerão a padrões apropriados de dança e promoverão atividades em grupo para muitos dos anos da juventude.

Que serão os senhores ao invés de escravos de estilos, costumes e hábitos, e que estarão livres de exigências excêntricas que os desviarão do que sabem ser correto. — Jovens vivos que manterão sobriedade com maquiagem, penteados, roupas, conversas, danças e namoros simples, evitando as algemas dos extremos radicais.

Que, mesmo pertencendo a um grande grupo, têm a coragem de resistir firmemente por um princípio correto mesmo com criticismo e zombaria.

Que tenham resistência moral para voltar-se contra a excêntricidade, o extremismo, por ser subnormal.

"Procura-se: uma geração jovem que não se submeterá à pressões indignas; que não se renderá a praticas baratas, nem será submissa a atividades imorais. Jovens que morrerão antes de sacrificar sua honra e virtude!

"Ó JUVENTUDE BEM-AMADA! Se vocês possuem faculdades normais — ouçam, vejam e compreendam, e não vivam apenas para este dia, mas para toda a abundante vida eterna. Nós os amamos e temos fé em vocês."

Sua busca de Sião levou-o à guerra e a dar a volta ao mundo.

As Aventuras De Um Marinheiro Britânico

PRIMEIRA PARTE

William G. Hartley

Era novembro,e para William Wood, a caminhada de volta para casa pela nevoenta paisagem inglesa era emocionalmente bastante penosa. O jovem aprendiz de açougueiro acabara de perder seu emprego, e isto numa época em que era difícil encontrar bons empregos. Sentia-se ferido por dentro — ou quem sabe fosse raiva. Acaso não fizera um bom trabalho para o Sr. Blaxall? Ainda assim, fora despedido unicamente por tornar-se um santo dos últimos dias. Caminhando lentamente, ia preocupado com a reação dos pais diante do que acontecera.

Desde seu nascimento, em 1837, os pais haviam-no criado como fiel e bom anglicano. Sua mãe, membro dedicado da igreja, havia-o matriculado bem cedo numa "escola infantil" na qual, além do be-a-bá, aprendera "que existe um Salvador que morreu por todos os homens". Anos de freqüência à Escola Dominical incutiram no menino "reverência pelas coisas divinas", conforme dizia.

William Wood

O primeiro contato com os santos dos últimos dias deu-se evidentemente quando William tinha uns treze anos. Ao prestar um serviço ao pai, parou numa janela na qual alguns garotos curiosos procuravam ver o que acontecia. De repente, um senhor o fez entrar no recinto em que se iniciava uma reunião mórmon.

"Sentei-me num canto da sala", conta, "achando o lugar engraçado e nada adequado para a administração do santo sacramento." Mas o sacramento foi distribuído, cantaram-se hinos e oradores pregaram. O último orador era um converso britânico, Charles Penrose, que mais tarde serviu na Primeira Presidência. Sua exposição da Deidade "transtornou todos os meus confusos conceitos de Deus", observa William. "Se alguma vez um sermão tocou um coração, foi o meu."

Ano após ano pareciam aumentar os desafios às crenças religiosas da infância de William. Aos quinze anos, saiu de casa para aprender o ofício de açougueiro. Seu primeiro patrão, da Igreja Congregacionalista, procurou em vão converter seu jovem aprendiz anglicano. A experiência, admitiu William, "desconcertou bastante meus pontos de vista religiosos". Ele discutiu também seus conceitos de religião com religiosas católicas durante as entregas habituais de carne num convento das imediações.

Durante esses tempos difíceis, William soube que seu bom amigo, John M. Bridge, se juntara aos santos dos últimos dias. William recriminou o

amigo por isso, pois os mórmons tinham "tão má reputação entre todas as pessoas de bem da cidade". Mas certa noite, depois do trabalho, John explicou alguns princípios do evangelho restaurado ao seu ex-colega de escola. William percebeu que os ensinamentos faziam sentido e então concordou em participar de uma reunião do Ramo Maldon, Essex. Ali ficou impressionado com as doutrinas e o companheirismo existente.

Três semanas após a primeira conversa com John sobre o mormonismo, William pediu aos élderes itinerantes Joseph Silver e John Lindsay que o batizassem. Assim, em fins de abril de 1855, ele foi batizado no Rio Blackwater, em Maldon. Pouco depois, foi ordenado sacerdote no Sacerdócio Aarônico.

Porém, encontrar paz religiosa tem seu preço: "Logo se espalhou que eu me fizera mórmon; e fui ridicularizado e alcunhado de Velho Joe Smith e Velho Brigham Young, que eram acusados de muitas coisas más assim como eu." Amigos, parentes, fregueses e ex-professores da Escola Dominical tentaram convencer-me do "meu erro". Durante grande parte do ano de 1855, ele acompanhou outro sacerdote recém-ordenado (que mais tarde viria a ser seu sogro), Samuel Gentry, na realização de pregações ao ar livre nas aldeias da redondeza. Os parentes de William compareciam ocasionalmente nessas reuniões para ouvir, como diziam, "o pequeno Billy" pregar, embora fosse o Irmão Gentry que pregasse; William ajudava-o proferindo orações. Alguns o ridicularizavam abertamente, mas isso só fazia William "agarrar-se com maior tenacidade aos princípios da verdade".

O Sr. Blaxall, cujos filhos haviam compartilhado o mesmo banco de igreja em muitos domingos, também tentou reconverter seu jovem aprendiz. Os longos debates, entretanto, não conseguiram modificar a opinião de nenhum dos dois. Finalmente, temendo perder fregueses importantes como o pároco local, o Sr. Blaxall colocou William diante da alternativa — abandonar o mormonismo ou procurar outro emprego.

" — Senhor, — respondeu o jovem, — jamais negarei minha fé; vou deixar o seu serviço."

Agora, desempregado, o desapontado recém-converso tinha de explicar a situação aos pais, que havia pouco se mudaram para Queensborough, na Ilha Sheppey, na desembocadura do Tâmisa. Seu maior desejo agora era emigrar para Sião, imitando numerosos conversos britânicos e, enquanto caminhava, procurava pensar em meios de ganhar dinheiro suficiente para chegar a Utah.

William foi muito bem recebido pelos pais; porém, quando souberam que havia perdido o emprego, suplicaram-lhe que largasse o mormonismo e voltasse a trabalhar para o Sr. Blaxall. "Minha querida mãe ficou muito acabrunhada", diz William. Eles se preocupavam com a falta do salário e não encontravam nenhum consolo em seu otimismo religioso. "Disse-lhes que eu estava nas mãos de Deus e visto que havia obedecido a

seus mandamentos, tinha fé em que logo encontraria trabalho."

Pondo sua fé a trabalhar, William pôs-se a procurar trabalho em toda a ilha com o auxílio do pai. Verificou que as docas de Sheerness estavam em plena azáfama, devido à guerra na Criméia, às margens do Mar Negro, onde britânicos, franceses e turcos combatiam as forças russas.

Um açougueiro chamado Fillmore, que tinha contrato para fornecimento de carne às tropas britânicas, achou William jovem e inexperiente demais para o trabalho. Mas, depois de observar o adolescente demonstrar sua técnica de corte, deu-lhe o emprego. O salário? *Mais do dobro pago pelo Sr. Blaxall!* "Creio até hoje", escreveria William, sessenta anos mais tarde, "que o aumento de salário... foi uma benção do Senhor por não haver renegado o mormonismo e em resposta às minhas orações e firme determinação de ir para os vales das montanhas."

Quando, mais tarde, machucou as costas levantando um quarto de boi, passou a trabalhar nas docas pelo mesmo salário. Intrigado pelas atividades portuárias, anotava cuidadosamente as chegadas e partidas diárias dos muitos navios que utilizavam as docas. Um dia, ouviu dizer que o barco da Marinha Britânica *H.M.S Eurotas* estava de partida para o Pacífico Sul, e imediatamente imaginou um plano para chegar a Sião. Engajou-se na Marinha e juntou-se à tripulação do *Eurotas* como açougueiro, na esperança de um dia chegar às costas da Califórnia e dali chegar a Utah.

Mas, assim que a "velha fragata a vela convertida em barco movido a hélice" zarpou, desvaneceram-se suas esperanças imigratórias. Numa reunião inesperada, o comandante abriu ordens secretas e comunicou à tripulação: "Homens, estamos indo para a Criméia, para a guerra!"

Como a embarcação funcionava com mais ou menos metade da tripulação normal William logo aprendeu várias técnicas de marinhagem. Conforme contou mais tarde: "Depois de terminar meu trabalho no açougue, eu tinha de ajudar a equipe de artilheiros no que fosse necessário. Os artilheiros eram quase que invariavelmente excelentes marinheiros... Estava, portanto, sob as ordens de pessoal capacitado, e aprendi muita coisa sobre marinhagem que sempre me foi útil, até mesmo em Utah."

Lisboa, Gibraltar, Algéria, Malta, Constantinopla. Em cada escala, William ia à terra comprar carne para a tripulação. E por toda parte, recebiam "apavorantes" relatórios da guerra na Criméia.

Depois de passar ao largo da península da Criméia, o *Eurotas* atracou perto de Sebastopol (Sevastopol), cidade tomada às tropas russas pelos britânicos e tropas aliadas a um custo elevadíssimo para ambos os lados. Para alegria sua, William encontrou entre os milhares de soldados britânicos acampados nas proximidades, um número suficiente de SUD para realizarem "reuniões de campo", das quais participava com entusiasmo.

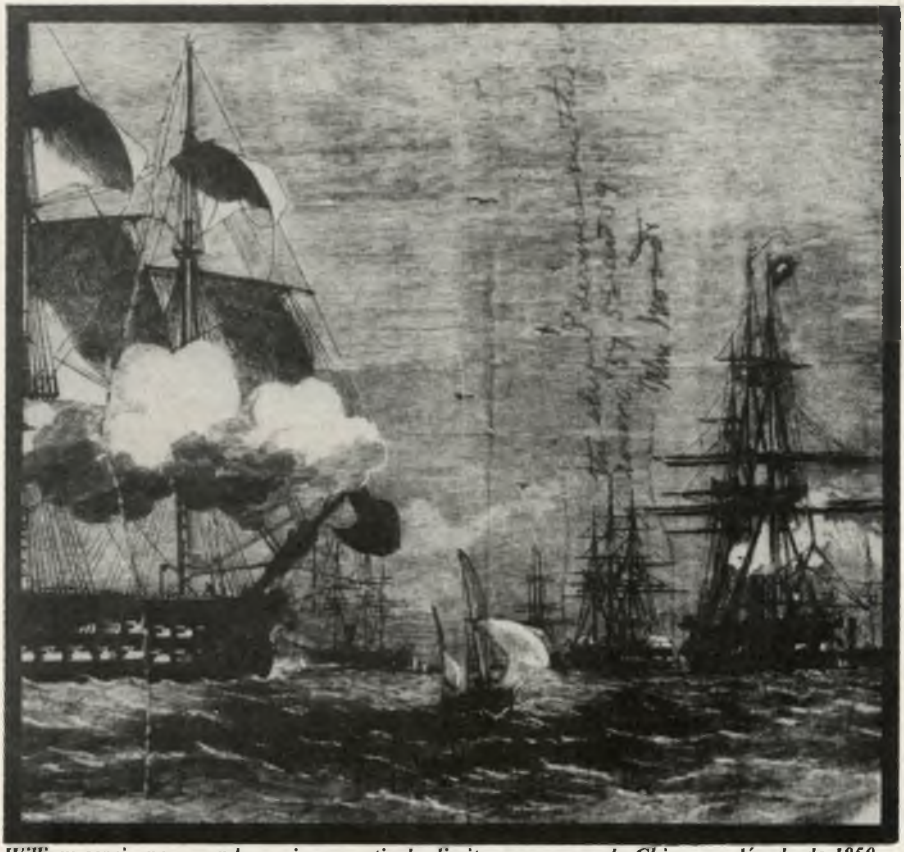
Quando a guerra terminou, o *Eurotas* zarpou de volta para Sheerness,

carregado de materiais de guerra excedentes. William fez uma breve visita à família que se mostrou "surpresa, vendo aquela religião peculiar, como a chamavam, ainda arraigada em minha mente", e aos santos locais. A seguir, reengajado por quatro anos, foi designado para o *HMS Retribution*, onde chegou muito bem recomendado por sua capacidade de açougueiro e marinheiro.

"Eu tinha que cumprir meu trabalho normal de açougueiro num pequeno e bem equipado açougue que ficava inteiramente ao meu encargo. Ele era minuciosamente inspecionado pelo comandante todos os dias, para ver se estava tudo em ordem e limpo... nesse cantinho, passei a maior parte do meu tempo nos quatro anos e quatro meses."

O *Retribution* carregou armamentos de Guerra da Criméia no Mediterrâneo. Localizou uma embarcação que estava perdida no Ártico. Depois, em março de 1857, recebeu ordens de contornar meio mundo para reforçar a esquadra na China, com uma escala a meio caminho para ajudar a debelar uma rebelião no Peru.

No Rio de Janeiro, nosso jovem foi à terra para colaborar na compra de



William serviu no segundo navio, a partir da direita, nos mares da China, na década de 1850.

aves, carne e frutas para a tripulação, cônscio de ser um dos primeiros santos dos últimos dias a pisarem o solo brasileiro.

A 1º de maio de 1858, seu vigésimo primeiro aniversário, William e a tripulação receberam licença para descer à terra, em Honolulu, Havaí. Antes de partir da Inglaterra, William ouvira dizer que o Presidente Brigham Young mandara missionários para as ilhas do Pacífico; por isso, procurou localizar alguns santos, "mas não conseguiu sinal deles". Ele não sabia que a Igreja havia chamado esses missionários de volta para ajudarem a defender Sião, se necessário, contra as tropas governamentais que estavam em marcha para Utah. Ironicamente, os últimos élderes partiram do Havaí no mesmo dia em que William chegava a Honolulu.

Nosso homem do mar, um jovem mórmon sem nenhum contato com a Igreja, continuou a nutrir sua fé como podia. Leu e releu as "obras da Igreja" que trouxera consigo. Como sacerdote no Sacerdócio Aarônico, ele sabia "da autoridade do sacerdote para administrar o sacramento". Assim, sentia-se justificado em realizar seu próprio serviço sacramental em seu "açougue" a bordo do navio. "Eu orava freqüentemente ao Senhor," diz ele, "pedindo que reconhecesse minha administração." Aos domingos, terminado o serviço religioso no navio, William voltava para seu canto de trabalho, onde "colocava bolacha de bordo e água sobre a mesa e a seguir proferia a oração; depois, abençoava o pão e a água e participava deles. Dessa maneira, recebi grande força espiritual".

Quando, semanas mais tarde, o *Retribution* chegou a Hong-Kong, França e Grã-Bretanha estavam em guerra na China. Juntando-se às naves *Cruiser, Furious, Lee* e *Dove,* o *Retribution* participou dos combates por muitos meses. A esquadra ajudou a terminar a guerra, subindo o Rio Yangtsê até Nankin, onde travou dura batalha, bombardeando a cidade "até silenciar todos os canhões". Sob fogo cerrado no dia seguinte, o *Retribution* sofreu extensos danos, e William presenciou, aterrorizado, um companheiro ter a perna arrancada, e outro marinheiro, querendo socorrê-lo, perder um braço. O *Retribution* "despejou obuses, granadas e metralhas com grandes foguetes de vinte e quatro libras que incendiavam grandes edifícios e faziam o povo fugir aos milhares". Em poucos dias o governo chinês se rendeu, e o *Retribution* pôde voltar para as docas britânicas de Hong-Kong.

Em seguida, vieram ordens para escoltar um iate especial até o Japão, onde seria entregue ao imperador como presente do governo britânico. O Japão havia aberto seus portos e comércio aos ocidentais apenas quatro anos antes, em conseqüência da famosa visita do Comodoro Matthew. C. Perry, dos Estados Unidos, em 1854. William, um dos primeiros europeus e seguramente o primeiro SUD a visitar esse país, ficou entusiasmado com suas idas a terra. O povo japonês causou-lhe profunda impressão. "Percebi neles um notável espírito de reforma, maior do que em qualquer outro povo que conheci, e senti o desejo de pregar-lhes o evangelho." Muitos anos mais tarde, como um setenta em Utah, ele costumava pedir em oração que fosse chamado a cumprir missão no Japão, mas já era muito idoso

quando, em 1901, o Élder Heber J. Grant abriu lá a primeira missão da Igreja.

O *Retribution* continuou sua patrulha em torno do mundo, juntando-se à esquadra britânica na Índia. O barco passou três meses ao largo da costa de Ceilão, (atual Sri Lanka) recuperando dinheiro, maquinaria e outros valores de navio-correio afundado.

Pouco depois de partir do Ceilão, o *Retribution* bateu num recife de coral não cartografado, abrindo um rombo no casco. A fim de vedar a entrada de água, "passamos uma grande lona alcatroada por baixo do casco na parte afetada" e partimos a todo vapor para o porto mais próximo. Porém, enquanto o navio ficou em reparos nas docas secas de Bombaim, Índia, durante três meses, a tripulação foi acometida de cólera. "Eu também a peguei," conta William, "e fui levado para o navio-hospital. Pedi ao Senhor que me poupasse a vida." Depois de recuperar-se, ajudou a cuidar dos outros tripulantes doentes.

A principal tarefa do *Retribution* recuperado foi ajudar dois grandes navios a vapor a lançarem o primeiro cabo de comunicação submarino da Índia até o Mar Vermelho — mais especificamente de Karachi até Aden. Então, em outubro de 1860, chegaram ordens de voltarem para casa. O barco de William voltou a cruzar o Equador, contornou o Cabo da Boa Esperança, subiu a costa ocidental da África, atravessou mais uma vez o Equador e finalmente terminou sua missão de três anos ao redor do mundo aportando em Portsmouth, Inglaterra, no dia 20 de dezembro. Naquela hora, William Wood, jovem marinheiro britânico, tornou-se um dos primeiros — quiçá o primeiro — santo dos últimos dias a dar a volta completa ao mundo. Com uma medalha por bons serviços metida no bolso, foi correndo para casa, onde chegou no momento em que a família se preparava para o jantar de Natal.

(Conclusão no próximo mês.)

PREZADO ASSINANTE:

Mudou-se ou vai mudar-se?

AVISE-NOS IMEDIATAMENTE A FIM DE NÃO FICAR SEM SUA REVISTA.

Basta recortar a etiqueta de endereçamento que acompanha seu exemplar de A Liahona e enviá-la ao endereço abaixo, com a anotação de seu novo endereço.

Mande a informação para a Caixa Postal 26023 - 01000

São Paulo S.P.

MIRIAM

Layne T. Derrick

Eles a
havian
espancado e
ridicularizado
Poderia ela
partilhar o
evangelho
com eles?

Enquanto eu servia como missionário em Quito, a bela capital do Equador, conhecí uma jovem membro da Igreja que exemplificava o que significa dedicar-se totalmente à conversão de nossos semelhantes. Sua casa era das mais humildes da cidade — seu coração, um dos mais nobres.

Jamais me esquecerei de nosso primeiro encontro. Ela era bastante baixa, tinha no máximo 1m50 de altura, e seu cabelo castanho claro caía-lhe até a nuca com as pontas levemente onduladas. Mas o que a diferenciava das outras moças de sua idade, era que não tinha dentes. Isto talvez não estranhasse tanto se fosse mais velha, mas Míriam mal chegara aos dezenove anos.

— O que aconteceu aos dentes da Miriam? — perguntei ao meu companheiro, pouco depois de sairmos da casa dela.

— Eu também fico imaginando, — replicou, — mas ninguém jamais comentou o assunto.

O mistério ficou esquecido por algum tempo, pois andávamos muito ocupados com a obra missionária. Uma semana após nossa primeira visita, entretanto, voltamos à casa de Míriam. Seu pai, o Irmão Sanchez, falecera fazia um ano e isto criara muitas dificuldades para a família. A Irmã Sanchez era obrigada agora a trabalhar longas horas como lavadeira pela cidade, por um salário irrisório. E assim, Míriam fora obrigada a deixar os estudos para cuidar da família, enquanto a mãe trabalhava. Também tiveram que mudar-se da antiga vizinhança para aquela casinha de um cômodo. Impossível deixar de preocupar-se com a situação deles e prometemos ir vê-los periodicamente.

Naquele dia, Rosa, uma amiga não-mórmon de Míriam, estava lá e Mírian sugeriu que lhe explicássemos alguma coisa do evangelho. Apresentamos parte de uma palestra, mas logo percebemos que ela não estava nem um pouco interessada. Mesmo assim, perguntamos se poderíamos ir à casa dela para dar nossa mensagem a sua família, e ela concordou.

No dia seguinte, passamos na casa de Míriam e a convidamos a visitar conosco a família de Rosa. Para nossa surpresa, ela não quis, dando uma porção de desculpas esfarrapadas. Era evidente que estava escondendo alguma coisa e insistimos que nos contasse o problema. Então ela acabou falando.

Rosa morava no bairro onde Míriam vivera antes da morte do pai. Depois da morte dele, o povo do bairro começou a espalhar boatos sobre a mãe de Mírian.

— Uma noite, perdi a paciência e passei a defender minha mãe e aquilo que eu sabia ser certo. Diversos vizinhos resolveram dar-me uma lição que eu nunca mais

esquecesse. Puseram-se a espancar-me, principalmente no rosto, e foi assim que perdi todos os dentes, — explicou, apontando para a boca.

Depois de haver falado, ela pareceu-nos mais aliviada, e disse que nos acompanharia, se quiséssemos. Impressionados com a sua coragem, resolvemos que ela *deveria ir.*

Chegou a noite da palestra, e meu companheiro e eu fomos até o lar dos Sanchez. A Irmã Sanchez nos atendeu meio aborrecida.

— Não quero que minha filha volte àquele lugar horrível, — afirmou enfaticamente.

Nós não sabíamos o que dizer, mas Míriam sim. Ficamos escutando em silêncio ela prestar testemunho à mãe de que sabia haver um motivo especial pelo qual deveria acompanhar-nos. Relutantemente, a Irmã Sanchez consentiu, mas somente com nossa solene promessa de que voltaríamos imediatamente, caso houvesse qualquer problema.

Infelizmente, ficou claro que a família de Rosa não tinha interesse em ouvir falar da Igreja. Ao sairmos de lá, Míriam começou a falar sobre as outras famílias da vizinhança, incluindo um rapaz que namorara por algum tempo até perceber que era pessoa de maus hábitos. Tocado pelo Espírito, insisti que Míriam nos levasse à casa dele.

Embora bastante relutante, ela nos levou à casa em que Luiz morava com seus pais. Ao atender à porta, pareceu bastante surpreso ao ver-nos; não obstante, convidou-nos a entrar e ouviu com atenção a mensagem que tínhamos para ele. Terminada a palestra formal, falou-nos de seu recente desejo de filiar-se à verdadeira igreja de Deus, mas não sabia como e onde encontrá-la. Já dera os passos preliminares para o arrependimento, mas sentia necessidade de algo mais. Declarou que seu coração lhe dizia que nós éramos, de fato, representantes dessa igreja verdadeira. Batizou-se uma semana mais tarde.

Com a constante ajuda de Míriam, aliada à de Luiz, em seis semanas batizamos umas vinte e cinco pessoas das redondezas.

Sempre me lembrarei de quando decidimos conversar com as pessoas que haviam afligido Míriam tão atrozmente. Míriam ajudou a ensiná-las, como se nada houvera acontecido, e diversas delas se batizaram.

Devido à profunda fé no Senhor e seus poderes de protegê-la, Míriam vencera o medo de seus semelhantes e ajudara a pregar o evangelho justamente àqueles que a haviam marcado fisicamente para toda a vida. Muitos deles agora a reverenciam por perdoá-los e levar-lhes o evangelho de Jesus Cristo.

Nota do editor: Mírian faleceu de complicações provenientes de um apêndice perfurado não muito depois desse incidente. Mas antes, realizou uma grande missão como membro e deixou um admirável exemplo para outros seguirem.

ENFOQUE MISSIONÁRIO

A VIAGEM DE ÔNIBUS

Orvid Zollinger

Era uma daquelas cálidas tardes de verão, feitas especialmente para se sonhar de olhos abertos e pôr de lado qualquer pensamenteo de trabalho ou estudo. Durante minha missão, esse tipo de dias era o mais difícil de manter-me concentrado em meu trabalho. Agora acontecia o mesmo na escola. Desde antes do meio-dia, eu estivera andando pelas colinas a leste da universidade, coletando amostras de raízes com meu colega de laboratório para um projeto de botânica. Levara-nos o dobro do tempo previsto, pois gastamos mais tempo perseguindo borboletas do que realmente coletando plantas. Terminada finalmente a tarefa, meu colega deu-me uma carona até a cidade, onde tomei um ônibus para casa. Era sexta-feira à tarde, e ainda sob a sutil influência da magia do verão, decidi dedicar o sábado a uma praia

ensolarada e água fresquinha.

Eu estava começando a imaginar o dia seguinte em maiores detalhes, quando os freios de ar comprimido sibilaram e vi um pequeno garoto mexicano embarcar. O ônibus estava ocupado pela metade; havia diversos lugares vagos entre a frente do carro e o meu. Voltando a olhar pela janela, permiti minha mente divagar para o imaginário fim-de-semana na praia.

Porém, justamente quando voltava a sonhar de olhos abertos, revi o tal rapazinho com o canto dos olhos. Passara por dois lugares vagos e vinha em minha direção. Devia ter uns nove ou dez anos; vestia calças *jeans* desbotadas, mas limpas e uma camisa de xadrezinho vermelho. A camisa parecia um pouco larga demais, evidentemente herdada do irmão maior. Quando se aproximou, fiquei olhando fixamente pela janela, na esperança de que escolhesse um lugar atrás de mim. Foi em vão.

— Olá, moço, — cumprimentou-me ao sentar-se ao meu lado. Apresentava um sorriso tão largo, que parecia grande demais para seu rostinho. Eu não queria sorrir, mas o sorriso dele era tão contagiante, que não consegui evitar.

— Olá — respondi, procurando reconquistar a expressão anterior.

— Que lindo dia, não é? — insistiu.

— É, sim, — respondi, — um lindo dia.

Desta vez, consegui ficar sério e fiquei olhando pela janela, na esperança de interromper a conversa. Era um dia perfeito para devanear e não iria desperdiçá-lo batendo papo com um garotinho. Houve um momento de silêncio e comecei a relaxar, imaginando-me a jogar volibol na praia.

— Ei, moço, você é casado?

— O quê?! — indaguei, voltando-me para o garoto. Seu sorriso parecia, se possível, maior ainda que antes.

— Você é casado?

— Não — rebati secamente, esperando que desconfiasse de que eu não queria conversa com ele.

— Que pena, — comentou, parecendo um pouco desapontado. Aparentemente estava momentaneamente desconcertado. Ficou pensando. Então, num instante, voltou a sorrir animado: — Mas você pretende casar, não é?

Procurei não sorrir, mas aqueles olhinhos reluzentes e dentes brancos à mostra me venceram.

— Sim, — sorri também, — acho que sim.

— E quando se casar, moço, você vai amar sua mulher, não é?

Agora o desconcertado era eu. A pergunta parecia tão fora de propósito, vinda de alguém tão pequeno. Senti que tinha um objetivo qualquer, mas não sabia onde queria chegar.

— É lógico, — respondi cautelosamente.

— E quando se ama alguém, a gente quer estar sempre junto, não é, moço, mesmo depois de morrer?

De repente, dei-me conta do que ele pretendia. Estava-me fazendo a Pergunta de Ouro. Fiquei ali sentado, olhando para ele sem nada dizer. Eu não sabia o que dizer. Quantas vezes eu não fizera praticamente a mesma pergunta? Quantas vezes nos ônibus e ruas, enquanto fazia missão no Brasil? Mas aquilo foi durante a missão, não agora. Parecia inconcebível ouvir essas palavras

sendo repetidas para mim aqui, em minha terra, por um garotinho de dez anos. O ônibus reduziu a marcha, e o menino levantou; tirou rapidamente algo do bolso e me entregou.

— Olha, moço, tenho que descer aqui. Tome isto. Tem o nome de dois amigos meus. Se quiser saber mais, é só chamá-los. Até logo, moço.

E lá se foi. Fiquei olhando para o folheto em minhas mãos. Estava dobrado em dois e um pouco amassado nos cantos. Desdobrei-o e li seu título: O Plano de Salvação.

Eu voltara da missão fazia dois anos. Trouxera comigo meu diário, *slides* coloridos, lembranças e uma porção de memórias. Mas, a missão ficara para trás. A quantas pessoas eu falara sobre a Igreja, desde que estava em casa? Quantas vezes fizera a Pergunta de Ouro? Quantos não-membros eu conhecia que possivelmente estariam interessados, se eu abordasse o assunto? Eu acabara de receber uma lição missionária que não aprendera durante minha missão inteira, e o mestre fora um garotinho com testemunho e um sorriso, nada mais.

O ônibus agora estava enchendo. Estávamos chegando ao centro da cidade, e eram quase 5 da tarde. Um jovem vestido formalmente de terno sentou-se ao meu lado. Meio encabulado, enfiei o folheto no bolso da camisa e baixei os olhos para os pés. Continuava pensando no garotinho; por pequeno que fosse, era um missionário melhor do que eu já fora. Ergui o olhar. O moço ao meu lado olhava pela janela, provavelmente devaneando.

— Lindo dia, hoje, não é? — comentei sem pensar.

— É mesmo, — correspondeu sorrindo, — um dia muito bonito.

Fiquei um instante tateando o folheto no bolso. Então, oferecendo meu sorriso mais caprichado, indaguei:

— O senhor é casado?

DESCONTO ESPECIAL

RECEBA 12 REVISTAS E PAGUE APENAS 6!
A PARTIR DE NOVEMBRO A ASSINATURA DE A LIAHONA SERIA DE Cr$ 200,00 POR UM ANO.

NESTE MÊS, ENTRETANTO, ACEITAREMOS NOVAS ASSINATURAS E RENOVAÇÕES PELO PREÇO ANTIGO DE Cr$ 100,00.

A MENSAGEM

O RAIAR DO DIA

Élder Loren C. Dunn
do Primeiro Quorum dos Setenta

Eu adoro correr.

Todas as manhãs, durante nossa recente estada na Nova Zelândia, eu saía correndo de nossa casa na Rua Arney, em Auckland, e seguia diferentes caminhos, às vezes para Remuera, outras para One Tree Hill. Em Nova Zelândia, o corredor madrugador é muito privilegiado. Não só aprecia uma paisagem de incomparável beleza natural, mas lá, o nascer do sol é um dos mais belos espetáculos do mundo. Certas manhãs, o céu explode em cores luminosas, quando as altas nuvens captam os primeiros raios de sol. Noutras, as cores apresentam-se mais suaves e delicadas. Noutras ainda, tudo é sombra e chuva. É difícil prever como será a alvorada. Às vezes, um alvorecer prometedor subitamente se encobre de nuvens, e tudo acaba em sombras e chuva. Às vezes, o sol consegue dispersá-las no momento exato, desvendando um quadro espetacular. Cada dia é diferente. Guarda seus próprios mistérios, suas próprias surpresas.

Como isto se assemelha à vida! Na verdade, não sabemos o que esperar de um dia para outro. Temos de aceitá-lo como vem.

O evangelho de Jesus Cristo não se destina a modificar milagrosamente os dias, transformando-os de sombras em pura luminosidade e luz. Destina-se entretanto, a proporcionar-nos uma luz interior, uma força que nos ajudará a viver os dias bons com alegria e os dias maus com fé e determinação, até que um novo dia nos traga alívio.

"Porque sei que todo aquele que confiar em Deus será auxiliado em seus sofrimentos, pesares e aflições, e será exaltado no último dia." (Alma 36:3.)

Anos atrás, quando vivíamos em Boston, Massachusetts, eu acabara de passar por uma semana particularmente penosa. Vós sabeis o que é isso, não é? São sete dias maus seguidos. Ao fim dela, sentia-me arrasado e com uma pontada de autocomiseração.

Finalmente à noite, depois que meus familiares se haviam recolhido, resolvi demorar-me um pouco mais e conversar com o Senhor de uma maneira mais intensa do que fazia em minhas habituais preces pela manhã e à noite.

Ajoelhado na sala de estudos em penumbra, minha condição tornou-me mais fácil falar com o Senhor com profunda humildade e abrir-lhe plenamente meu coração. Ao orar, senti necessidade da confirmação de sua presença ali e de que ele se importava comigo. Experiências anteriores haviam-me dado a conhecer essas coisas, mas há

momentos em que se necessita da força da confirmação. Orando por essa graça específica, tive uma experiência realmente extraordinária. Eu já tivera experiências espirituais antes, mas não como essa. Houve uma manifestação tão real do Espírito, que cheguei a senti-lo. Ele tomou conta de toda minha alma e não apenas uma vez, mas repetiu-se diversas vezes no espaço de um ou dois minutos.

Saí da sala naquela noite com o conhecimento confirmado e absoluto, nascido do Espírito, não só de que o Salvador vive, mas que ele me conhece e cuida de mim com um amor realmente divino.

As influências dessa experiência acompanharam-me durante dias, fazendo-me sentir um interesse e amor genuínos por meus semelhantes, mesmo pessoas totalmente desconhecidas. Enquanto antes eu passava na rua pelos outros sem ligar para eles, agora sentia que me importava com eles. Até mesmo meus familiares me pareciam mais caros e preciosos. Sentia-me ligado aos santos de toda parte e queria servir a meu próximo.

Não consigo lembrar-me das dificuldades que enfrentei na época. Passaram como só acontece com as dificuldades. Mas sempre me lembrarei da experiência daquela noite em que o Espírito me curou. Confirmou-me que, quando nosso coração é sincero, podemos recorrer ao Senhor e, de alguma forma e maneira, ele nos enviará a influência curadora do Espírito, e que o Espírito não apenas cura mas também une. Isto não precisa ser uma experiência única, pode repetir-se muitas vezes.

Ao raiar de cada novo dia possamos armar-nos com sentida oração e obediência aos mandamentos. Assim a luz do Espírito Santo brilhará dentro de nós e nos sustentará, ajudando-nos a tirar o máximo do que nos espera, auxiliando-nos a mudar o que é possível e deve ser mudado. E nos ajudará a perseverar, quando tivermos que passar por experiências que não podemos alterar.

"Porque o Senhor Deus é um sol e escudo; o Senhor dará graça e glória; não negará bem algum aos que andam na retidão." (Salmos 84:11.)

Quando Voltaremos ao Trabalho?

Dell Van Orden

Passar trinta minutos com o Pres. Spencer W. Kimball em seu quarto no hospital SUD foi uma agradável experiência.

Eu não via o presidente desde que foi hospitalizado a 4 de setembro e submetido a uma cirurgia no dia seguinte, e fiquei muito contente em vê-lo sentado numa cadeira ao lado da cama. Camilla, sua esposa, estava com ele.

O presidente aparentava boa cor, e embora estivesse cansado, estava bem alerta.

Seu secretário particular, D. Arthur Haycock, com quem fui ao hospital, saudou-o primeiro e após eu apertei sua mão. Seu aperto de mão foi firme, mais do que se poderia esperar de uma pessoa de 86 anos que passou seis semanas no hospital.

Presidente, o senhor parece estar bem; como se está sentindo? perguntei. Ele respondeu sem hesitar, com sua voz doce, mas baixa: "Pode dizer aos membros da Igreja que estou muito bem."

"Estamos aqui para tirar umas fotos" disse o Irmão Haycock, que fica ao seu lado boa parte do dia. O presidente sorriu e disse: "Está bem."

Havia quase três horas que ele estava sentado na cadeira e por isso estava cansado, mas em sua maneira gentil estava mais gracioso para ser fotografado. Sua esposa lia para ele a notícia da Conferência (de outubro) no jornal "Church News" e eu fotografei a cena.

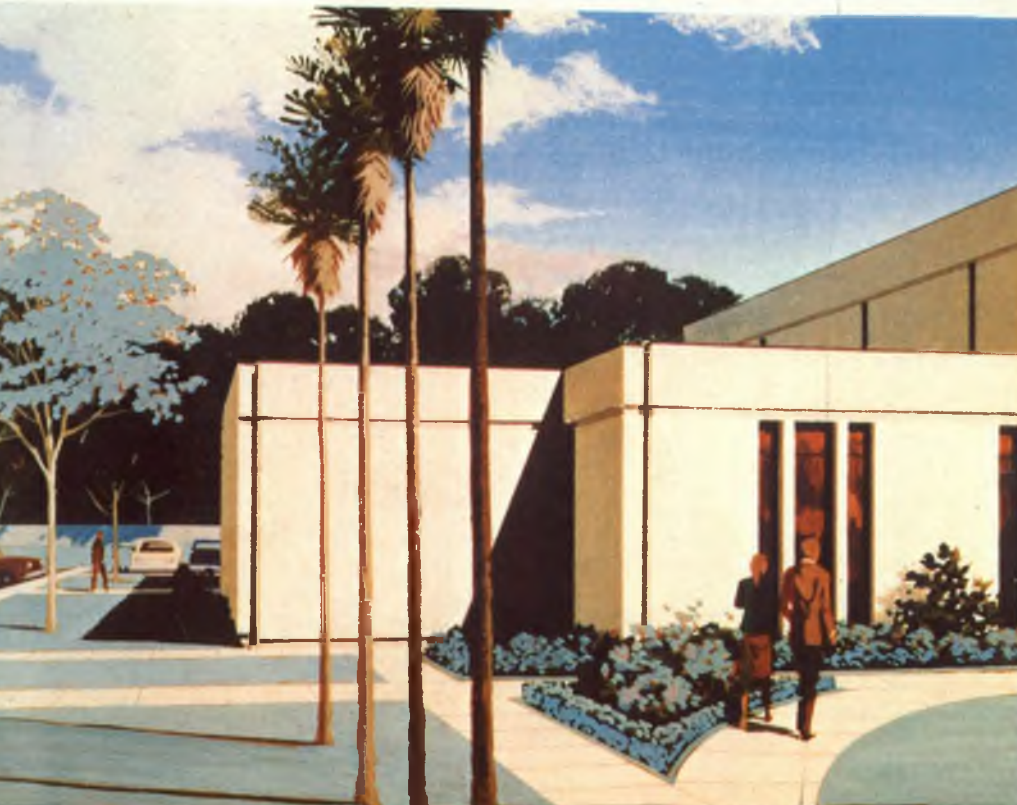
Por ter estado bastante tempo sentado, o Irmão Haycock sugeriu que ele caminhasse um pouco, e ele consentiu, tendo andado cerca de trinta metros até a enfermaria e de volta ao quarto.

Já no quarto, perguntou ao Irmão Haycock: "Qual é o programa? Quando voltaremos ao trabalho?

E eu pensei comigo: "Que característica notável. Depois de todo o trabalho que ele tem feito, sua primeira preocupação é voltar ao trabalho. Em toda sua vida foi assim. Tenho visto como é incansável na obra do Pai Celestial em muitos países do mundo."

Ele não só pede aos outros apressem o passo, mas sempre dá o exemplo. Uma vez mais ele está pronto a apressar o passo, mesmo antes de voltar ao seu escritório no Edifício Administrativo da Igreja.

Ano Curricular 1982

Até 1981 o período curricular era de março a fevereiro do próximo ano.
Pelas últimas instruções da Primeira Presidência unificou-se na Igreja em todo o mundo o período curricular para janeiro a dezembro a partir de 1982. Assim, a liderança, professores e alunos, precisam obter os materiais para o próximo período — janeiro a dezembro de 1982 — aproximadamente dois meses antes — novembro e dezembro de 1981.
Se todos se envolverem em fazer seus pedidos nesse período, atingiremos o objetivo traçado pela Presidência da Igreja.
Seus líderes têm à disposição catálogos 1982 e pedidos suficientes para atender a todos.
Nós, da Distribuição, estamos às ordens para quaisquer esclarecimentos e para atendê-los imediatamente.

Divisão de Distribuição
Caixa Postal 26023
01000 São Paulo — SP
Tel. 814-2277